

FLUXO CONTÍNUO

VITALIDADE DE LÍNGUA NA PERSPETIVA DA COMUNIDADE DE FALA: O CASO DO PATUÁ

LANGUAGE VITALITY IN THE PERSPECTIVE OF SPEECH COMMUNITY: THE CASE OF PATUÁ

JINGWEI ZHANG

jwzhang@um.edu.mo

Universidade de Macau

<http://orcid.org/0000-0002-9515-6109>

SZU-YU LEE

lee.szuyu@yahoo.com

Universidade de Macau

<http://orcid.org/0000-00034353-1509>

RESUMO: Tendo em conta a teorização insuficiente da vitalidade de língua, este artigo explora as características da comunidade da vitalidade de língua por utilizar a “teoria da comunidade de fala” da sociolinguística. O artigo examina primeiro sete métodos de avaliação da vitalidade de língua e descobre que estes métodos têm considerado a natureza da comunidade em diferentes graus, o que pode ajudar a desenvolver a teoria da vitalidade de língua a partir da perspetiva da comunidade de fala. Por um lado, os estudos da vitalidade de língua na perspetiva da comunidade podem identificar as causas das mudanças na vitalidade de língua e, por outro lado, podem alargar o âmbito da proteção e do renascimento das línguas ameaçadas de extinção. Tomando o Patuá de Macau como exemplo, este artigo analisa as causas da sua emergência, propagação e declínio, e descobre que a mudança na sua estrutura da comunidade de fala é a causa da sua morte. Este artigo propõe finalmente algumas sugestões para a proteção do Patuá. O desenvolvimento das comunidades de fala do Patuá deve ser em conjunto com as comunidades ultramarinas dos portugueses nascidos em Macau. Isto porque as condições internas e externas destas comunidades são muito melhores para a manutenção e herança do Patuá do que a comunidade macaense.

PALAVRAS-CHAVE: Vitalidade de língua; Língua ameaçada de extinção; Comunidade de fala; Patuá; Avaliação da vitalidade de língua.

ABSTRACT: *In view of the insufficient theorization of language vitality, this paper explores the community features of language vitality by using the “speech community theory” of sociolinguistics. The paper first examines seven assessment methods of language vitality and finds that these methods have considered the nature of community to varying degrees, which can help develop the theory of language vitality from the perspective of speech community. On the one hand, the studies of language vitality from the community perspective can identify the causes of changes in language vitality, and on the other hand, it can broaden the scope for the protection and revival of endangered languages. Taking the Patuá of Macao as an example, this paper analyzes the causes of its emergence, spread and decline, and finds that the change in its speech community structure is the cause for its death. This paper finally proposes some suggestions for the protection of Patuá. The development of speech communities of Patuá should be in*

conjunction with overseas communities of Macao-born Portuguese. Because the internal and external conditions of these communities are much better for the maintenance and inheritance of Patuá than the Macao community.

KEYWORDS: Language vitality; Language endangerment; Speech community; Patuá; Assessment of language vitality.

Antecedentes, conotações e lacunas no estudo da “Vitalidade de Língua”

O conceito de vitalidade de língua está intimamente relacionado com outros, como os de língua ameaçada de extinção, proteção e revitalização de língua. A língua ameaçada de extinção é um campo de pesquisa linguística que se formou gradualmente no final do século passado. A *Cambridge University Press* e a *Oxford University Press* publicaram estes manuais sobre língua ameaçada de extinção: *The Cambridge Handbook of Endangered Languages* e *The Oxford Handbook of Endangered Languages*, nos quais a vitalidade de língua, a proteção e a revitalização de língua fazem parte dos capítulos dos manuais, indicando que esses tópicos são os subtópicos dos estudos de língua ameaçada de extinção. Portanto, para discutir os estudos da vitalidade de língua, é necessário discutir, primeiramente, a origem do seu campo de estudo, que é a causa e a perspectiva de estudos de língua ameaçada de extinção.

Os estudos de língua ameaçada de extinção começaram a ser alvo de atenção pelos círculos acadêmicos desde o final dos anos 80 e o início dos anos 90 do século XX. Durante esse período, foi publicada uma série de artigos e livros influentes, tais como os de Dorian (1989), Fishman (1991), Robins e Uhlenbeck (1991). O mais notável de todos foi um número especial de língua ameaçada de extinção editada pelo jornal *Language* em 1992, contendo uma série de sete artigos. Essa série de artigos foi classificada em primeiro lugar no número de *downloads* no jornal nos últimos anos. Krauss (1992), pela primeira vez, traçou uma analogia entre a extinção de língua e a extinção biológica, apresentando juntamente a extinção de língua e o seu valor humano. O estudo também apontou claramente pela primeira vez a relação entre a língua ameaçada de extinção e o estudo de linguística. Isto é, 90% dos sujeitos de estudo de linguística estão a enfrentar a ameaça de desaparecer. Ele defendeu que os pesquisadores linguísticos investissem numa equipa de registo de línguas para escrever arquivos e dicionários de línguas. O desenvolvimento do campo de pesquisa de línguas ameaçadas de extinção não apenas despertou a preocupação sobre os problemas de línguas ameaçadas de extinção da

comunidade linguística, mas também de toda a sociedade. Por exemplo, as Nações Unidas designaram o ano de 1992 como “O Ano das Línguas Ameaçadas de Extinção”, apelando aos países a tomarem medidas para salvar e registrar as línguas ameaçadas de extinção para manter a diversidade linguística. Através dos esforços de vários círculos ao longo dos últimos 30 anos, o campo de pesquisa de língua ameaçada de extinção fez um grande progresso. Por exemplo, existem e registam-se 7111 línguas em *Ethnologue*, 22ª edição¹⁹, estabelecendo-se *Catalogue of Endangered Languages*²⁰ Online, descrevendo e acompanhando as situações de 3423 línguas ameaçadas de extinção. Devido ao acúmulo de materiais e ao desenvolvimento da tecnologia, os estudos sobre a velocidade da extinção de línguas globais e a distribuição de línguas ameaçadas de extinção também se desenvolvem rapidamente. Simons (2019) apontou que a velocidade de extinção de línguas globais é de nove línguas por ano. A África Subsaariana tem uma velocidade baixa de extinção de línguas, e as velocidades de extinção de línguas norte-americanas e australianas estão em declínio, enquanto outras estão a subir. Em resumo, a tarefa principal dos estudos sobre a língua ameaçada de extinção tem sido identificar e documentar línguas ameaçadas de extinção por mais de duas décadas (SEIFART, EVANS & HAMMARSTRÖM, 2018). Neste processo, a perspectiva de estudo mais importante dos estudos de língua ameaçada de extinção é a perspectiva linguística, que é descrever, analisar e discutir as línguas. Os métodos de proteção de línguas nessa fase também se concentram nas estruturas de ontologia e na compilação de dicionários de línguas ameaçadas de extinção, isso é, a “preservação linguística” (LI, 2019). Mufwene (2017), ao refletir sobre esta fase de estudos sobre língua ameaçada de extinção, deixou claro que lhes faltara profundidade temporal e perspectiva geral, ou seja, não se consideraram as causas de línguas ameaçadas de extinção numa perspectiva cronológica, e não se consideraram as questões como a coexistência e a competição de línguas numa perspectiva comunitária. Os estudos sobre língua ameaçada de extinção estão a enfrentar uma virada e, ao mesmo tempo, os estudos sobre a vitalidade de língua que estão relacionados intimamente com ela também precisam ser ajustados correspondentemente.

Os estudos da vitalidade de língua podem medir a ameaça de línguas, identificando a sua necessidade de proteção, avaliando a eficácia das técnicas de preservação e

¹⁹ Disponível em: <https://www.ethnologue.com>.

²⁰ Disponível em: <http://endangeredlanguages.com>.

revitalização de línguas. Numerosos estudiosos propuseram abordagens diferentes de avaliação da vitalidade de língua, incluindo: Fishman (1991), o grupo de peritos das Nações Unidas no estudo de língua ameaçada de extinção, e assim por diante (2003). Essas abordagens têm desempenhado um papel importante no desenvolvimento de língua ameaçada de extinção. Porém, Mufwene (2017) salientou que os estudos da vitalidade de língua não foram teorizados suficientemente. Uma teoria da vitalidade de língua deve revelar as fontes que sustentam ou corroem essa vitalidade, ou seja, ajudando a explicar porque e como uma língua está em ameaça. Uma teoria desse tipo da vitalidade de língua também deve revelar que tipos de características de língua são mais relevantes para a sua vitalidade; as características linguísticas mais relativas a sua vitalidade estão relacionadas com a avaliação de línguas de extinção. Se uma língua é considerada como um sistema, morre quando tem apenas a última pessoa que a fala; se uma língua é considerada como uma atividade prática, mesmo que existam muitas pessoas que a dominam, ela pode ser declarada morta quando as pessoas não se comunicam nessa língua. A primeira é uma perspectiva linguística, a segunda é uma perspectiva dos falantes ou uma perspectiva da comunidade. Qual perspectiva deve ser escolhida também é uma questão que a teoria da vitalidade de língua deve explorar.

Nos últimos anos, tem havido um aumento de estudos relacionados com a vitalidade de língua, mas as teorias não são totalmente desenvolvidas. Os estudos de reconhecimento de língua que estão relacionados à vitalidade de língua foram combinados com a “teoria da comunidade de fala”, sugerindo que uma língua seja uma ferramenta de comunicação e identificação da comunidade de fala (XU, 2018); os estudos de língua ameaçada de extinção, relativos intimamente com a vitalidade de língua, também se juntaram à perspectiva da comunidade. O artigo se concentrará nas questões da comunidade na teoria da dinâmica de língua. A segunda parte do artigo combinará a teoria da vitalidade de língua com a teoria da comunidade de fala para analisar as características da comunidade do sistema de avaliação de vitalidade de língua existente e comparar as diferenças nas características da comunidade em sistemas diferentes de avaliação da vitalidade de língua. A terceira parte do artigo fará uma distinção entre línguas indígenas e não indígenas, com foco em uma das línguas não indígenas do nosso país, o patuá, e discutirá o papel único que a “comunidade” pode adotar na avaliação de línguas não indígenas e analisará as causas da geração, difusão e declínio do patuá de um pensamento da comunidade de fala

e revelará a fonte de erosão da vitalidade da língua. A quarta parte do artigo será a conclusão.

Comunidade de fala e vitalidade de Língua

A conotação de “comunitário”

O comunitário significa “caraterísticas da comunidade”. A noção comunidade discutida neste artigo não é um conceito de comunidade da sociologia, mas é um conceito de “comunidade de fala” da linguística. Várias gerações de sociolinguistas definiram a “comunidade da fala”, cf. Xu (2004; 2010). O artigo utiliza a definição dada por Gumperz em 1982, com base nas duas definições de 1962 e 1968, e incorporando vários pontos de vista de outros: “A comunidade de fala é um sistema diversificado de falantes ligado por normas e aspirações partilhadas” (GUMPERZ, 1982). Esta definição sugere que: (1) a comunidade de fala é um sistema sobre falantes, não sobre a língua; (2) esses falantes partilham normas comuns de uso da língua e atitudes de fala; (3) existe interação verbal e intensidade comunicativa entre esses falantes. Com base na investigação existente sobre comunidades de fala, Xu (2004) propõe ainda cinco elementos da comunidade de fala, nomeadamente: um número certo de falantes (populações), uma área determinada de atividades (regiões), atividades de fala frequentes entre falantes (interações), atitudes de fala e critérios de avaliação de língua comuns entre falantes (identidade), falantes que compartilham algumas alguns sistemas de símbolos linguísticos e normas de uso (instalações). Embora campos de estudo como a linguística teórica e a dialetologia também se concentrem nos elementos como a população, a região e os sistemas de símbolos linguísticos, a contribuição mais proeminente da teoria da comunidade de fala em relação a eles é a ênfase nas normas de uso de língua no elemento de instalação, bem como nos elementos de interação e identidade. Por isso, em contraste com a sociologia, o aspeto “comunitário” de língua reflete-se também nas normas comuns de uso de língua, interação e identidade de falantes.

As características comunitárias dos métodos de avaliação da “vitalidade de língua” existentes

Existem três termos ingleses traduzidos em “vitalidade de língua” nos artigos chineses: o primeiro é conhecido como “*language vitality*” (FAN, 2006), o segundo é “*linguistic vitality*” (DAI & ZHANG, 2006), o terceiro é “*ethnolinguistic vitality*” (XU, 2010). Não há grandes diferenças nas primeiras duas traduções, mas a terceira, deve ser traduzida, precisamente, como “vitalidade etnolinguística”. Por exemplo, Zhang e Li (2010) usam essa tradução. O conceito da “vitalidade etnolinguística” foi introduzido pela primeira vez por Gile *et al.* (GILES, BOURHIS & TAYLOR, 1977), que se refere às forças que “mantêm comunidades diferentes em contacto umas com as outras como entidades coletivas distintas e ativas” (GILES *ET AL.*, 1977). É um conceito subordinado à linguística humana e é mais frequentemente utilizado para descrever a vitalidade das línguas indígenas, podendo por isso ser subsumido sob o termo mais amplo de vitalidade de língua. Em termos de sistema de avaliação da vitalidade de língua, serão divididas em duas categorias: a primeira categoria é o sistema de avaliação de “*language vitality*” ou “*linguistic vitality*”, a segunda categoria é o sistema de avaliação de “*ethnolinguistic vitality*”.

A primeira categoria é representada pelo “*Graded intergenerational disruption scale, GIDS*” de Fishman (1991), pela “Vitalidade de língua e fatores de língua ameaçada de extinção” do grupo de especialistas em línguas ameaçadas de extinção convocado pela UNESCO (2003), pelo “*Ethnologue’s expanded graded intergenerational disruption scale, EGIDS*” de Lewis e Simons (2010), e pelo “*Language endangerment index*” de Lee e Van Way (2016), que se correspondem ao número 1 a 4 da Quadro 1. Iremos começar a explicar as suas características da comunidade uma por uma.

Quadro 1. Visão geral dos métodos de avaliação da vitalidade de língua

Número	Métodos de Avaliação	Referências Bibliográficas	Modelos	Fatores Principais
1	<i>Graded intergenerational disruption scale, GIDS</i>	Fishman, 1991	8 estágios	<ul style="list-style-type: none"> - Herança intergeracional - Função da língua - Domínio de uso da língua - Alfabetização dos falantes
2	Vitalidade de língua e fatores de língua ameaçada de extinção	UNESCO, 2003	9 fatores	<ul style="list-style-type: none"> - Herança intergeracional - Número absoluto dos falantes - População absoluta - Proporção de população relativa - Locais e funções de uso



				<ul style="list-style-type: none">- Novos campos e meios de comunicação- Atitudes e políticas governamentais em matéria da língua- Atitudes dos membros da comunidade em relação à língua- Quantidade e qualidade dos registos da língua
3	<i>Ethnologue's expanded graded intergenerational disruption scale, EGIDS</i>	Lewis e Simons, 2010	13 níveis	<ul style="list-style-type: none">- Herança da língua- Domínio de uso da língua- Alfabetização- Identidade étnica
4	Índice de língua ameaçada de extinção	Lee e Van Way, 2016	4 indicadores	<ul style="list-style-type: none">- Herança intergeracional- Número absoluto dos falantes- Tendência no número dos falantes- Domínios de uso da língua
5	Vitalidade etnolinguística	Giles, Bourhis e Taylor, 1977	3 fatores	<ul style="list-style-type: none">- Estado social- Estado populacional- Apoio de instituições públicas
6	Indicadores subjetivos de vitalidade de língua	Bourhis, Giles e Rosenthal, 1981	3 fatores	<p>Avaliação subjetiva dos três fatores seguintes por membros da comunidade:</p> <ul style="list-style-type: none">- Estado social- Estado populacional- Apoio de instituições públicas
7	Indicadores de vitalidade etnolinguística	Landweer, 2000	8 indicadores	<ul style="list-style-type: none">- Possibilidades de contato- Domínios de uso da língua- Alternância de código linguístico- Dinâmica da população- Redes sociais- Perspetivas sociais- Prestígio da língua- Base económica

Fonte: FISHMAN, J. *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Language*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

UNESCO Ad Hoc Expert Group. *Language Vitality and Endangerment*, Paris, 2003.

Lewis, M. P.; Simons, G. F. Assessing endangerment: Expanding Fishman's GIDS. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. 55, n. 2, pp. 103-120, 2010.

Lee, H.; VAN WAY, J. Assessing levels of endangerment in the Catalogue of Endangered Languages (ELCat) using the language endangerment index (LEI). *Language in Society*, v. 45, n. 2, pp. 271-292, 2016.

Giles, H., Bourhis, R. Y., & Taylor, D. (1977). *Towards a Theory of Language in Ethnic Group Relations*. In

H. Giles (Ed.), *Language, Ethnicity and Intergroup Relations*. London: Academic Press, pp. 307-348, 1977.

BOURHIS, R., Giles, H. & Rosenthal, D. Notes on the construction of a 'subjective vitality questionnaire' for ethnolinguistic groups. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 2, n. 2, pp. 145-155, 1981.

Landweer, L. Indicators of ethnolinguistic vitality. *Notes on Sociolinguistics*, v.5, n. 1, pp. 5-22, 2000.

(1) O “*Graded intergenerational disruption scale, GIDS*” de Fishman é baseado na herança de língua e divide a vitalidade de língua de fraca a forte em oito estágios: a fase mais fraca da vitalidade é indicada pelos adultos da comunidade que aprendem a língua como segunda língua, e a fase mais forte é indicada pela língua utilizada na educação, trabalho, meios de comunicação, governo, e outros domínios. Neste sistema de avaliação, a herança intergeracional, a função da língua, o domínio de uso da língua e a alfabetização dos falantes são os elementos centrais na avaliação do nível da vitalidade de língua. Os domínios de herança intergeracional, função da língua e o domínio de uso da língua são os mais “comunitários”, uma vez que são constituídos pelas normas de uso partilhadas pelos falantes da comunidade e governam a interação entre os falantes.

(2) Existem nove fatores na “Vitalidade de língua e fatores de língua ameaçada de extinção” das Nações Unidas: (1) a herança intergeracional da língua; (2) a população absoluta que usa língua; (3) a proporção da população total que usa a língua; (4) tendência no uso dos domínios da língua existentes; (5) respostas dos novos domínios meios de comunicação social; (6) materiais usados para o ensino e aprendizagem da língua; (7) atitudes e políticas governamentais e institucionais sobre a língua, incluindo estatuto oficial e uso; (8) atitudes dos membros da comunidade em relação à sua própria língua; e (9) a quantidade e qualidade dos registos da língua. Os fatores comunitários incluem (1)(3)(4)(5)(7)(8).

(3) O “*Ethnologue’s expanded graded intergenerational disruption scale, EGIDS*” de Lewis e Simons é uma versão alargada da “*Graded intergenerational disruption scale*”. A escala avalia os fatores principais do nível de vitalidade de língua, incluindo a herança da língua, o domínio de uso da língua, a alfabetização e a identidade étnica. Para além da alfabetização, os outros três fatores também são comunitários, particularmente a identidade étnica, que é uma adição mais importante à escala de Fishman. Além disso, outra diferença da escala de Fishman é que a escala de Lewis e Simons usa 13 níveis (internacional, nacional, regional, comercial, educacional, escrito, vigoroso, ameaçada, em mudança, moribunda, quase extinta, dormente, morta) para substituir os oito estágios

da escala de Fishman. Esses 13 níveis combinam os diferentes níveis da vitalidade de língua (vigoroso, ameaçada, moribunda, quase extinta, dormente, morta) com os domínios de uso da língua (internacional, nacional, regional, comercial, educacional, escrito). Esta alteração reflete a importância da característica comunitária dos domínios de uso na escala, mas a sua apresentação é relativamente implícita e esta importância não é explicitamente declarada e elaborada.

(4) O “Índice de língua ameaçada de extinção” de Lee e Van Way difere ligeiramente dos três métodos de avaliação mencionados acima, é usado principalmente para a construção do mapa de línguas ameaçadas de extinção (SIMONS, 2019), já que concluiu uma avaliação de 7055 línguas para fornecer uma visão geral e distribuição de línguas ameaçadas de extinção no mundo todo. O índice usa quatro fatores para avaliar o grau de língua ameaçada de extinção: herança intergeracional, número absoluto de falantes, tendência em números de falantes e domínios de uso da língua. Esse método é usado para avaliar línguas com menos informações, podendo ser considerado uma versão simplificada do sistema de avaliação. Desses quatro fatores, a herança intergeracional e os domínios de uso da língua são baseados na comunidade.

Os representantes da segunda categoria de sistemas de avaliação da vitalidade de língua incluem os Indicadores de vitalidade etnolinguística (*Ethnolinguistic vitality*) de Giles, Bourhis e Taylor (1977), os indicadores subjetivos de vitalidade de língua (*Subjective vitality*) de Bourhis, Giles e Rosenthal (1981) e os Indicadores de vitalidade etnolinguística de Landweer (2010) (*Indicators of ethnolinguistic vitality*). Correspondendo respectivamente aos números (5) a (7) na Quadro 1. (5) e (6) têm relacionamento de herança, portanto, explica-se juntamente.

(5) Os Indicadores de vitalidade etnolinguística de Giles, Bourhis e Taylor listam três fatores que determinam o dinamismo de língua: estado social, estado populacional e apoio institucional. O status social refere-se ao estado econômico, político, social e histórico de uma língua num ambiente bilíngue ou multilíngue; o estado populacional refere-se ao número absoluto, proporção relativa, taxa de natalidade, taxa de casamento interétnico, *etc.* de falantes nesta língua; o apoio institucional refere-se ao apoio de língua dado por comunidades até a países nos meios de comunicação, educação, governo, indústria, religião e cultura. Do ponto de vista desses três fatores, todos eles são comunitários. Ao coletar dados sobre esses três fatores, Giles *et al.* usaram principalmente

relatórios de média e dados demográficos, e embora os dados sejam relativamente objetivos, não refletem a psicologia social dos membros da comunidade de fala sobre a manutenção da língua. Em função disso, Bourhis *et al.* propuseram os Indicadores Subjetivos de Vitalidade de Língua, ou seja, utilizando a percepção e avaliação dos falantes desses três fatores, ainda possuindo características da comunidade.

(6) Os Indicadores de vitalidade etnolinguística de Landweer incluem oito fatores: possibilidade de contato, domínios de uso da língua, troca de código, dinâmica da população, redes sociais, perspectivas sociais, reputação da língua e fundamento económico. Ao contrário de outros estudos, Landweer apontou no início do artigo que “esses fatores indicam a direção sustentada ou transformada de uma comunidade de fala, em oposição à sua língua tradicional”, indicando assim que a perspectiva do estudo se mudou de língua para comunidade de fala. Ao descrever cada um dos fatores que se seguem, a unidade de estudo é a comunidade de fala e não a língua. Como “possibilidades de contato”, não se refere a possibilidade de contato em língua, mas se a comunidade de língua é localizada num local densamente povoado onde os seus membros têm acesso a contatar com falantes de outras línguas. Portanto, os oito fatores do índice de vitalidade de língua têm características comunitárias.

Os sete sistemas de avaliação de vitalidade linguística descritos acima têm em conta, em graus variáveis, o aspecto “comunidade” de língua, usando o estado étnico, os domínios de uso, a herança intergeracional, a atitude e a identidade da língua como indicadores de vitalidade de língua. O sistema que considera mais a “comunidade” são os Indicadores de Vitalidade Etnolinguística, o Índice de Língua Ameaçada de Extinção considera menos. Em geral, os indicadores da vitalidade de língua de (5) a (7) na Quadro 1 são mais focados no estudo da língua na comunidade, porque os indicadores são usados principalmente para examinar línguas indígenas. As línguas indígenas ameaçadas de extinção e grupos indígenas, comunidades de línguas indígenas são principalmente coincidentes, e é mais operacional investigar os indicadores da comunidade. Os quatro indicadores de identificação de línguas classificados de (1) a (4) na Quadro 1 não são usados apenas para avaliar línguas indígenas, mas também línguas não indígenas. A definição dessas línguas mistas é mais controversa e é mais difícil definir as suas próprias comunidades de fala. Portanto, a operação dos indicadores da comunidade é mais difícil. Além disso, os dados usados nesses sistemas de avaliação são principalmente de segunda

mão, portanto, os dados necessários são relativamente fáceis de coletar e objetivos. Ao usar o sistema de avaliação de vitalidade etnolinguística, os pesquisadores tendem a adaptar o questionário à comunidade e a recolher dados primários de forma orientada, (SCHREIBER & SITARIDOU, 2017), para que possam ser recolhidos dados sobre mais tópicos de nicho, tais como comutação de código, redes sociais e sobre dados mais subjetivos, tais como reputação de língua e estado étnico.

Em resumo, neste tópico analisamos a característica comunitária de vários sistemas importantes de avaliação da vitalidade de língua a fim de facilitar a concepção de esquemas de avaliação operacionais e comunitários por outros pesquisadores, e para demonstrar que os sistemas de avaliação existentes são, em graus variáveis, compatíveis com a teoria da comunidade de fala, e que existe uma base para o desenvolvimento de características comunitárias da teoria da vitalidade de língua.

O papel da “Comunitário” na avaliação da Vitalidade de Língua

Os estudos existentes de línguas ameaçadas de extinção visam principalmente as línguas indígenas (LEE, 2018). O ano de 2019 foi o “Ano Internacional das Línguas Indígenas”, estabelecido pelas Nações Unidas, com o tema “Línguas indígenas são essenciais para o desenvolvimento sustentável, construção da paz e reconciliação”. É óbvio que as instituições acadêmicas e internacionais colocam grande ênfase na promoção e proteção da diversidade das línguas indígenas. Como mencionado acima, as línguas indígenas ameaçadas de extinção sobrepõem-se às comunidades de línguas indígenas e grupos indígenas. Por isso, as estatísticas como população absoluta, proporção relativa de população, herança intergeracional, *etc.*, a situação da comunidade é suficiente para representar a situação geral da língua.

Porém, existem muitas línguas não indígenas no mundo, e a avaliação da sua vitalidade ou extinção é frequentemente ignorada (LEE, 2018). As línguas não indígenas se referem principalmente às línguas mistas, incluindo *pidgin* e crioulo, que são produzidas pelo contato e fusão de duas ou mais línguas. Vale dizer que *pidgin* não é a língua materna de nenhuma comunidade de fala, enquanto o crioulo se desenvolveu a partir de *pidgin*, e é a língua materna dos descendentes falantes de *pidgin*. Sendo a história dessas duas línguas é relativamente curta, a história da civilização humana moderna pode até registrar completamente todo o processo de surgimento e desaparecimento duma

língua mista, o que é inimaginável para as línguas indígenas. Concentrarmo-nos nas línguas para as quais temos informações sobre a sua “vida inteira”, talvez possamos explicar as razões pelas quais línguas estão ameaçadas e como se tornam em extinção, porque essas línguas podem nos fornecer informações sobre a sua geração e disseminação. Neste tópico pretendemos usar a língua crioula em Macau, o Patuá, como exemplo de análise de língua não indígena, analisando as causas do seu surgimento e disseminação, revelando a fonte da erosão da vitalidade de língua e explicando as razões de ser ameaçada. Finalmente, discutiremos o papel especial da “comunidade” na avaliação da vitalidade de língua não indígena.

Depois que os portugueses ocuparam Macau em 1557, o português entrou em contato com os dialetos chineses locais, formando uma língua mista sino-portuguesa, conhecida como patuá. De acordo com as análises de Cui (2019), a razão do surgimento do patuá foi assim: depois que os portugueses chegaram a Macau, eles precisavam dos intermediários para negociar com os habitantes locais. O primeiro intermediário foi uma pessoa de Malaca que entendia português e chinês, e depois os chineses se juntaram ao trabalho de ser intermediários, formando-se gradualmente um crioulo comercial para o comércio sino-português, que é o patuá. Além de ser um crioulo comercial local em Macau, o patuá também era usado como meio de comunicação entre a China e os países ocidentais. Portanto, o patuá é um crioulo que combina palavras portuguesas, malaias, chinesas, inglesas e cantonesas.

Portugal iniciou a *Era dos Descobrimentos* e o seu comércio colonial espalhou-se por todo o mundo na história do século XV ao século XIX. Existiam línguas mistas de português diferentes em todas as partes do mundo. Os círculos acadêmicos estrangeiros chamam-lhes, geralmente, crioulos de base portuguesa, como o crioulo de base portuguesa de Jacarta e o crioulo de base portuguesa de Malaca (LADHAMS, 2009), *etc.*, mas muitos deles já morreram. Por exemplo, os crioulos de base portuguesa usados em Jacarta, Indonésia e em Timor-Leste desapareceram, e os outros estão em extinção. Três das 96 línguas não indígenas avaliadas por Lee (2018) são crioulos de base portuguesa, a saber: *Diu Indo-Portuguese*, *Malaccan Creole Portuguese* e *Macao Portuguese Creole*. Os resultados de avaliações do índice de línguas ameaçadas de extinção das duas primeiras línguas estão em extinção e o patuá está seriamente em extinção. Segundo as estatísticas das Nações Unidas em 2011, Macau tinha uma população de menos de 50

peças que eram fluentes no patuá. Antes de meados do século XIX, o patuá era a língua comum dos macaenses. Desde o final do século XIX, devido à popularidade da educação oficial em língua portuguesa e à promoção de cantonês e inglês, o patuá começou a ser declinado. Segundo Cheng e Liu (1990), a língua franca dos macaenses na década de 1980 já era o português e o cantonês. De acordo com os Resultados Globais dos Intercensos 2016 de Macau²¹, existiam 11.715 pessoas em Macau que eram de descendências portuguesas, a maioria dos quais eram macaenses. Em junho de 2019, entrevistámos cinco macaenses, eram quatro homens e uma mulher, com idade média de 70 anos. Isso porque só encontramos pessoas dessas idades que falavam ou conheciam o patuá. Descobrimos que o patuá não é um sinal de manutenção da identidade dos macaenses. Todos esses entrevistados falam cantonês e português fluentemente, além de também falarem inglês. Escrevem português e inglês, mas não conseguem escrever caracteres chineses. A capacidade de falar chinês português e inglês, e a capacidade de escrever português e inglês já se tornaram a sua marca nova de reconhecimento de língua. Um dos entrevistados disse que os mais velhos falavam patuá, e sorriu quando ouviu o patuá e achou que era interessante, mas não usou, pois possuía pouca relação com o patuá. Neste caso, a situação ameaçada do patuá é difícil de reverter. Provavelmente, essa é a razão do declínio dos outros crioulos de base portuguesa, porque a comunidade de fala que apoia a geração e a disseminação dessas línguas não existe mais. A razão fundamental é que as condições sociais, económicas e políticas que estão intimamente relacionadas à comunidade de fala já mudaram. Se queremos manter ou revitalizar o dinamismo dessas línguas, é necessário combinar as situações atuais e as características da comunidade de fala existente para encontrar um novo impulso para a sua sobrevivência. Para o patuá, a sua função de comunicação e identificação foi bastante enfraquecida, mas ainda mantém o papel simbólico dos 400 anos de história das trocas entre a China e o Ocidente em Macau. Deve-se assim ser um ponto de apoio, *restabelecer-se* uma comunidade do patuá, como um grupo de teatro local produz teatro em patuá, promovendo o patuá como “Dóci Língu di Macau” e “Doci Papiçam” (*Jornal Puhua*, 2019) para lutar pela identidade nova dos jovens, assim é um meio viável.

Na entrevista percebemos que, embora o patuá tenha origem em Macau, não se

²¹ Disponível em: https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/bfa0112a-eaf3-49a9-9168-b5add46e9d65/C_ICEN_PUB_2016_Y.aspx

limita a Macau. Os macaenses estão em todo o mundo, por exemplo, nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália e, em outros países, também há comunidades macaenses. A população dessas comunidades que são fluentes no patuá ainda é muito grande, excedendo muito a população em Macau. Por exemplo, o evento “Dia do Patuá”, realizou-se na Califórnia em março de 2019, havia mais de 100 falantes nativos do patuá que participaram (*O Clarim*, 2019). Em certo sentido, o patuá transcendeu as fronteiras geográficas e, embora perca a sua vitalidade em Macau, ainda é mantido e transmitido nos países ingleses como o Canadá, os Estados Unidos e a Austrália. Esses países de língua inglesa não têm a conveniência de aprender o bilinguismo português-chinês e o ambiente da comunidade de fala. Não há um meio linguístico para tornar o patuá como a ligação da identidade étnica dos macaenses. Nos estudos existentes sobre o patuá em extinção, não se consideram as situações dos macaenses que vivem no exterior, o que tem relação com a falta de pontos de vista da comunidade. Na maioria dos casos, há mais de uma comunidade de fala para uma língua, as comunidades de fala diferentes têm relações diferentes entre coexistência de línguas e competição. Investigar-se a vitalidade de língua em termos da comunidade da fala é particularmente importante para a avaliação abrangente da vitalidade de língua e o desenvolvimento dum plano de revitalização de língua. Para o patuá, a elaboração dum plano de revitalização para essas comunidades energéticas no exterior pode ser a chave para a sua herança.

No geral, o “destino” do patuá está relacionado à perda de apoio da comunidade. A origem do patuá deveu-se originalmente às necessidades dos intermediários comerciais. Quando Portugal adquiriu o domínio oficial de Macau em 1557, um grande número de portugueses trabalhou e se estabeleceu ali, e o número de falantes do patuá aumentou. Ao mesmo tempo, Macau era o porto de trânsito e comércio do sul da China na época (WEI, 1990). O patuá tornou-se naturalmente a língua de comunicação mais antiga entre a China e o Ocidente. Contudo, depois da abertura do porto de Hong Kong em meados do século XIX, a vantagem de Macau como transferência comercial foi gradualmente substituída por Hong Kong. Com a popularidade do português padrão, a função do patuá também foi enfraquecida. As afiliações dos macaenses tornaram-se gradualmente “à chinesa”, e usar fluentemente do bilíngue luso-chinês tornou-se um novo meio de manter a sua identidade. O patuá perdeu gradualmente o apoio da comunidade de fala em Macau. No entanto, os estudos do patuá existentes negligenciaram as comunidades do patuá no exterior. As

associações de proteção do patuá podem cooperar com as comunidades do patuá no exterior para desenvolver comunidades de fala, porque as condições internas e externas dessas comunidades são mais propícias à manutenção e a sua herança do que em Macau. Essas comunidades poderão ser a chave para a revitalização do patuá.

Conclusão

Observou-se que a vitalidade da língua não é suficientemente teorizada. Este artigo combina a tendência de desenvolvimento do estudo de línguas ameaçadas de extinção e do estudo de reconhecimento de linguagem que está relacionado ao estudo de vitalidade de língua nos últimos anos, enfocando as características da comunidade da teoria da vitalidade de língua. O artigo sintetiza, em primeiro lugar, os sete sistemas de avaliação da vitalidade de língua existentes com a “teoria da comunidade verbal” e descobre que esses indicadores consideram a comunidade de língua em vários graus. A coleta de dados dos indicadores da comunidade linguística é relativamente difícil e a operabilidade é mais fraca do que os indicadores não comunitários. No entanto, da perspectiva dos sistemas de avaliação da vitalidade de língua existentes, já se tem a base para o desenvolvimento das características da comunidade da teoria da vitalidade de língua.

O artigo distingue línguas indígenas e não indígenas e indica que avaliar a vitalidade de língua de uma perspectiva da comunidade tem um papel mais exclusivo para as línguas não indígenas. Tomando o patuá como um exemplo, o artigo discute a origem, a difusão e o declínio do patuá e descobre que a sua ameaça se deve ao fato de que a fundação da comunidade de fala que se apoia ao seu surgimento e difusão já se mudou. A abordagem comunitária da proteção dessas línguas procura, combinando a situação da sua comunidade de fala existente, o novo ímpeto de sobrevivência. A comunidade de fala estrangeira do patuá é a chave para o proteger. Uma vez que a competição entre o patuá, o chinês e o português não é tão intensa como a competição em Macau, tanto o número de falantes como o reconhecimento da língua pelos membros da comunidade são melhores do que os de Macau.

Quando a vitalidade de língua ou o estudo de línguas ameaçadas de extinção deixa a perspectiva da linguagem e adota a perspectiva da comunidade, pode-se abrir novas ideias para a proteção e a revitalização de línguas ameaçadas de extinção. A perspectiva da

comunidade pode ajudar a revelar as razões do declínio e ameaça de línguas. A razão pela qual os falantes desistem da língua materna não está na língua, porque a língua está a enfrentar uma nova competição de línguas e está numa posição fraca na competição, isso é causado pela superposição de novas condições sociais, económicas e políticas. Não é uma solução a longo prazo exigir que os falantes nativos continuem a usar ou transmitir a língua, o que, de certa forma, enfraquece a sua competitividade na nova ordem social e económica. A proteção ou a revitalização de língua da perspectiva da comunidade defende que se constitua uma comunidade de fala nova em combinação com o ambiente social novo, explorando um novo ímpeto para a sobrevivência da língua na comunidade.

Referências

- AUSTIN, P. & Sallabank, J. *The Cambridge Handbook of Endangered Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- BERG, M. Vitality, identity and language spread: the case of Shanghainese. *Journal of Chinese Sociolinguistics*, n. 2, pp. 225-235, 2005.
- BOURHIS, R., Giles, H. & Rosenthal, D. Notes on the construction of a 'subjective vitality questionnaire' for ethnolinguistic groups. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 2, n. 2, pp. 145-155, 1981.
- CHENG, X. & LIU, X. 澳門三語流通與中文的健康發展 (*A circulação trilíngue em Macau e o desenvolvimento saudável da língua chinesa*). 第三屆國際漢語教學討論會論文集 (O Terceiro Simpósio Internacional de Ensino da Língua Chinesa). Beijing, 1990. *O Clarim*, 2019. Comunidade macaense nos estados unidos não esquece a língua dos avós. [online] Disponível em: <<http://Comunidade macaense nos Estados Unidos não esquece a língua dos avós>> [Acesso 22 July 2019].
- CUI, Y. 澳門土生葡語及研究綜述 (O patuá e o seu estudo). In: XU, J. & ZHOU, J. 澳門語言研究三十年 (*Os trinta anos de estudos de línguas de Macau*). Universidade de Macau, pp. 158-165, 2019.
- DAI, Q. & ZHANG, J. Endangered languages and weakened languages: A typological analysis of the linguistic vitality of maona. *Journal of Minzu University of China*, n. 1, p. 112-117, 2006.
- DORIAN, N. et al. *Investigating Obsolescence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- EBERHARD, D., Simons, G. & FENNIG, C. Ethnologue. 23. ed. Dallas, Texas: *SIL International*, 2020.
- ENDANGERED LANGUAGES PROJECT. Disponível em: <<http://endangeredlanguages.com>>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- FAN, J. *Language vitality and endangerment*. *Minority Languages of China*, n. 3, pp. 51-61, 2006.
- FISHMAN, J. *Reversing Language Shift: Theoretical and Empirical Foundations of Assistance to Threatened Language*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- GUMPERZ, J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 24, 1982.
- Giles, H., Bourhis, R. Y., & Taylor, D. (1977). Towards a Theory of Language in Ethnic Group Relations. In H. Giles (Ed.), *Language, Ethnicity and Intergroup Relations*. London: Academic Press, pp. 307-348, 1977.
- HALE K. Endangered languages: On endangered languages and the safeguarding of diversity. *Language*, v. 68, n. 1, pp. 1-42, 1992. *Intercensos 2016 resultados globais*. Disponível em: <https://www.dsec.gov.mo/getAttachment/bfa0112a-eaf3-49a9-9168-b5add46e9d65/C_ICEN_PUB_2016_Y.aspx>. Acesso em: 22 jul. 2019. *Journal Puhua*, 2019. 您知道“澳門甜美語言”嗎? 澳門聖若瑟大學將開設瀕危語言澳門土生葡語碩士 (Você conhece “Dóci Língu di Macau”? Universidade de São José de Macau abrirá o curso de mestrado do patuá). [online] Disponível em: <<http://www.puhubao.pt/2019/05/06/您知道澳门甜美语言吗? 澳门圣若瑟大学将开/>> [Acesso 22 Julho 2019].
- KRAUSS, M. The world's languages in crisis. *Language*, v. 68, n. 1, pp. 4-10, 1992.
- LADHAMS, J. The formation of the Portuguese-based Creoles: Gradual or abrupt? In: SELBACH, R.; CARDOSO, H.; VAN DEN BERG, M. *Gradual creolization: Studies celebrating Jacques Arends*. John Benjamin Publishing, pp. 238-246, 2009.
- LANDWEER, L. Indicators of ethnolinguistic vitality. *Notes on Sociolinguistics*, v.5, n. 1, pp. 5-22, 2000.
- LEE, H. Contact Languages around the world and their levels of endangerment. *Language Documentation and Conservation*, v. 12, pp. 53-79, 2018.
- LEE, H.; VAN WAY, J. Assessing levels of endangerment in the Catalogue of

- Endangered Languages (ELCat) using the language endangerment index (LEI). *Language in Society*, v. 45, n. 2, pp. 271-292, 2016.
- LEWIS, M. P.; SIMONS, G. F. Assessing endangerment: Expanding Fishman's GIDS. *Revue Roumaine de Linguistique*, v. 55, n. 2, p. 103-120, 2010.
- LI, Y. Theories and practices of China's language resources. *Chinese Journal of Language Policy and Planning*, v. 4, n. 3, pp. 16-28, 2019.
- MUFWENE, S. Language vitality: The weak theoretical underpinnings of what can be an exciting research area. *Language*, v. 93, n. 4, pp. 202-223, 2017.
- REHG, K. & CAMPBELL, L. *The Oxford Handbook of Endangered Languages*. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- ROBINS, R. & UHLENBECK, E. *Endangered Languages*. Oxford; New York: Berg Publishers, 1991.
- SCHREIBER, L.; SITARIDOU, I. Assessing the sociolinguistic vitality of Istanbulite Romeyka: an attitudinal study, *Journal of Multilingual and Multicultural Development* v. 39, n. 1, pp. 1-16, 2017.
- SEIFART, F.; EVANS, N.; HAMMARSTRÖM, H.; LEVINSON, S. Language documentation twenty-five years on. *Language*, v. 94, n. 4, pp. 324-345, 2018.
- SIMONS, G. Two centuries of spreading language loss. *Proceedings of the Linguistic Society of America*, v. 4, n. 1, p. 27, 2019.
- UNESCO Ad Hoc Expert Group. *Language Vitality and Endangerment*, Paris, 2003.
- Wei, M. 正確評估和增強澳門的戰略地位 (Avaliar adequadamente e reforçar a posição estratégica de Macau). *Revista de Administração Pública de Macau*, v. 7, n. 3, pp.179-185, 1990.
- XU, D. Speech community theory. *Journal of Chinese Sociolinguistics*, n. 1, pp. 22-32, 2004.
- XU D. 社會語言學實驗教程 (*O curso experimental sociolinguístico*). Beijing: Peking University Press, 2010.
- XU D. Language as a tool of communication and identification. *Chinese Journal of Language Policy and Planning*, v. 3, n. 2, pp. 16-26, 2018.
- ZHANG, D. & Li L. Socio-psychological factors and language maintenance and shift in an american chinese community. *Applied Linguistics*, n. 1, pp. 42-51, 2010.

Submetido em setembro de 2021

Aceito em dezembro de 2021

FINANCIAMENTO: Este artigo é o resultado do projeto de estudo plurianual dos Recursos Linguísticos e Gerenciamento de Idiomas de Macau da Universidade de Macau (Número do Projeto: MYRG2017-00161-FAH) e do projeto-chave de "Política de idiomas de Hong Kong e Macau e Estudos de Questões Quentes" da Comissão Estadual de Idiomas (Número do Projeto: ZDI135-21).